

Mais que a simples vontade de viver, que tem recuperado num longo combate consigo próprio e com os outros, Hugo Guerra perdeu na Guiné-Bissau o olho esquerdo, o ouvido médio direito e parte da saúde da coluna vertebral.

O que vem detrás e o que se vai seguir nos próximos anos — já completou 47 — está irremediavelmente ligado aos quatro meses que passou no forte de Gandembel, um dos locais mais críticos de

toda a guerra colonial portuguesa. Por lá morreu um terço dos homens de um pelotão de

nativos, comandados por um então alferes que fora colocado na selva por uma cascata de azares e contingências.

O quartel, que descreve como uma praça de touros, um "bunker" de cimento, "um Campo Pequeno ao contrário, enterrado no chão", controlava em 1968 um corredor vital da guerra, impedindo a passagem do Sul para o Norte das armas e guerrilheiros do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde).

De madrugada, a força aérea do general Spínola levantava da capital Bissau para sul e iniciava uma rajada de bombas que obrigava os guerrilheiros a fugirem pela mata em direcção à fronteira da outra Guiné, de expressão francesa. O pelotão de Hugo Guerra seguia atrás deles, em breves surtidas. Frequentemente, era animado pelo próprio general, que pousava de helicóptero para ver os estragos da noite.

Não eram poucos, porque rara era a jornada que não registava mortos e feridos. Escondido no paiol, acordado no meio das trevas, Hugo Guerra, homem que à data tinha a consciência política "no grau zero", pensava assim:

"Morrer ou sobreviver, que isto assim não é nada..."

Quarenta ou cinquenta homens, com as armas apontadas em círculo pelas janelinhas do casamatas, aguardavam. "A gente ouvia-os chegar, falar e instalar o material." Logo depois, começavam as explosões, as grandes obusadas, "e eles a tentarem entrar através do arame farpado". Mas, por regra, apenas as primeiras morteiras acertavam no alvo: os guerrilheiros não tinham capacidade para afinar devidamente os tiros seguintes. De madrugada, iam-se de novo embora, porque lá vinham os casacos Fiat. E os homens de Hugo Guerra, que comenta a situação com sarcasmo: "E lá fomos nós todos feitos heróis..."

Quatro meses nisto, com apenas uma interrupção. "O único período calmo foi quando o Salazar se lembrou de cair da cadeira", lembra o antigo combatente. As tropas do PAIGC interromperam os ataques, à espera das cenas seguintes. Paradoxalmente, a pausa aumentou a ansiedade e o sofrimento dentro do quartel. Tudo se resolveu em pouco mais de uma semana: "Até o Marcelo Caetano ser nomeado e dizer que as colónias eram parte do território português." Voltou a guerra. O forte de Gandembel seria finalmente abandonado em 1969, quando já nem de dia se podia sair, deixando para trás mortos, feridos, desaparecidos.

Não tinha nascido para a guerra e conseguiu escapar-lhe até aos 24 anos. Casado, curso de engenheiro técnico agrícola, quatro filhos. Fez a recruita em Távora e tudo parecia correr bem. Era um curso de sargentos milicianos, e o seu destino provável era tomar conta das despesas. Só que, por falta de oficiais, fazem dele oficial. E vai para atirador de artilharia em Vendas Novas, onde fica exactamente no meio da tabela de classificação (os de pior classificação iam directamente para a



HUGO GUERRA

COMISSÃO NA GUINÉ-BISSAU

"MORRER OU SOBREVIVER, QUE ISTO ASSIM NÃO É NADA..."

guerra). E quando está para integrar um novo curso, recebe uma notícia que o deixa "todo contente", porque tinha sido mobilizado para o pacífico Macau. Mas um dia dizem-lhe que afinal não vai, porque um oficial "lerpou" na Guiné, pelo que o deve substituir em apenas oito dias.

"Não tive sequer tempo de pensar como havia de fugir." O "lerpado", mesmo assim, estava em São Domingos, no Norte da Guiné, "um sítio que não era nada mau". E quando chega a Bis-



sau, descobre que, durante a viagem de barco, outro oficial meteu uma cunha por portas traseiras para lhe ocupar o lugar. E assim, finalmente, fica Hugo Guerra a tomar conta de 60 nativos e a apanhar diariamente com 300 ou 400 obusadas.

Apesar de tudo, não foi aí que perdeu o olho e quase os tímpanos com a explosão de uma mina que fizeram dele, hoje tenente-coronel com reforma extraordinária e

funcionário da Câmara de Lisboa, um incapacitado a 67 por cento. Um homem que passou mais de vinte anos "sem conseguir olhar de frente as pessoas" por causa da prótese ocular. Foi em Março de 1970, no Norte do território, onde o grande terror eram as minas.

Nun "dia de sol maravilhoso", os soldados seguiam devagar pelos trilhos. O da frente levava um de pau de vassoura na mão com dois pregos que picava no chão em busca dos engenhos explosivos, de madeira. Descobre-se uma mina e todos se deitam no chão. Vai à frente o homem que tinha as "mãozinhas especiais", um relojoeiro e fotógrafo. Cavou ao lado e retirou-a. Hugo Guerra levantou-se quando ouviu "Ó meu alferes, chegue aqui!"

"A gente só ouve o barulho, sente o sangue, mas não dói. E ele a gritar 'ai que eu morro, ai que eu morro'", lembra. O outro perdeu imediatamente as mãos e,



mais tarde, a visão. "Ainda hoje não sei o que ele queria quando me chamou." Ultrapassava-se dramaticamente o desejo que assaltava Hugo Guerra há vários meses: automutilar-se com um tiro no pé, como muitos faziam para ir embora.

O 25 de Abril em Portugal deixou-o eufórico. Como dirigente de então da Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA), participa em 1975 num cerco à Assembleia da República para exigir a publicação do primeiro decreto-lei que obrigava o Estado a responsabilizar-se moral e materialmente pelos deficientes da guerra de África.

Por dentro, nada continuava bom neste homem cujo apelido é quase irónico. Hugo Guerra vive a tomar comprimidos há mais de vinte anos, foi cliente assíduo de psiquiatras que lhe catalogavam "síndrome ansioso crónico". Há dois anos, numa fase particularmente difícil no relacionamento no trabalho e com a família, aderiu à psicoterapia no Hospital Júlio de Matos, com a equipa contra o Distúrbio Pós-Traumático do Stress de Guerra dirigida pelo psiquiatra Afonso de Albuquerque. Casou uma terceira vez, há poucos meses, e diz ser agora capaz de "construir um futuro".

O passado lá está e não o esquece. Um dia, desesperado, ofereceu-se para uma missão de combate. Morreram vários guineenses numa emboscada dos portugueses. Não disparou sequer, mas assistiu à partilha dos despojos. Pediu um caderno que um dos mortos transportava, com as páginas ensanguentadas. "Aprendi mais ali que com qualquer curso de política ou de direitos humanos que tivesse tirado." Viu pela primeira vez que os "turcos" eram homens: numa das páginas estava uma casinha com um céu por cima pintado, como as crianças desenham. Que dizia: "Esta é a minha casa." ●